

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial
M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Consultivo
FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVEA VIEIRA

MARCELO PONTES — *Editor*
ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
PAULO TOTTI — *Editor Executivo*
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

SÉRGIO RÊGO MONTEIRO — *Diretor*

Nada Será como Antes

O presidente Fernando Henrique Cardoso dificilmente será, daqui para a frente, o mesmo governante. Depois do tranco de opinião pública, representado pela revelação de tráfico de influência e escuta telefônica ao seu redor, não poderá dizer que "é fácil governar o Brasil".

O segundo ano do governo contará com um presidente mais experiente. O seu mandato é um compromisso com reformas profundas, prometidas na campanha eleitoral, enunciadas como propostas ao Congresso e pendentes de entendimentos políticos. E não uma administração realizada em atmosfera de crise.

Um homem com o senso da moralidade pública e isento de suspeitas — como é Fernando Henrique Cardoso — não consegue ser insensível ao conhecimento de práticas incompatíveis com a dignidade do mandato ou com a Constituição, e das quais veio a saber pela forte repercussão. O presidente registra em seu semblante o golpe recebido exatamente de onde não esperava.

É um bom sinal a sombra de desencanto na fisionomia presidencial. A nação espera, porém, que Fernando Henrique saiba superar rapidamente o choque pessoal e passe a enfrentá-lo como desafio para gerir a crise que se abriu sob seus pés, e não como vítima. É desejo geral que o novo ano destaque um governante com plena iniciativa política, reintegrado na condução do processo de reformas.

O Brasil não pode chegar ao novo século sem se livrar dos restos de atraso dos séculos passados. As reformas são a ponte para o século 21. A nação quer ser de novo testemunha do ânimo presidencial voltado para a aprovação, no Congresso, das reformas que o elegeram e das quais é devedor. É o que se reconhece como o espírito do governo ferido pela traição moral que o paralisou.

Não há governo que prospere numa sequência de pequenas crises que acabam desembocando numa grande. Fernando Henrique foi pego numa crise de consequências imprevisíveis. Se não administrá-la muito bem, em tempo útil, corre o risco de se tornar um governo politicamente inválido pelo resto do mandato. Há um hiato contraproducente entre as decisões anunciadas, a condução das medidas e os resultados conseguidos. Um toque de espontaneísmo por trás das palavras e das ações permeia o governo.

A Polícia Federal mentiu por método para obter a autorização do juiz e gravar conversas. Mentiu em seguida para encobrir o abuso de poder e continuará pelo mesmo caminho sem volta. Falta-lhe, portanto, credibilidade para dizer que não violou a privacidade presidencial. A incoerência das versões que não se ajustam, além de ferir

o sentimento democrático da sociedade, fulminou como um raio o presidente da República cercado de alegações que implicam cada vez mais o esquema de governo na culpa pela crise.

Como qualquer cidadão apto a confrontar as palavras e os fatos, o presidente Fernando Henrique Cardoso sabe que a repercussão do tráfico de influência e da escuta telefônica sobrecarrega o seu governo com uma suspeita injusta, por mais que a opinião pública o isente pessoalmente de conhecimento prévio do que se passou. O presidente precisa, porém, saber de tudo para resolver uma crise com ramificação no Congresso, onde a capacidade política ociosa quer tirar proveito da oportunidade inesperada. Ele tem que restabelecer a verdade e utilizá-la para resgate da confiança política abalada.

Basta olhar alguns personagens que estavam marginalizados pela desconfiança: alvoroçaram-se diante da falta de iniciativa do governo, como uma oportunidade de ouro. Foi preciso um acontecimento fora de controle para que o PMDB tivesse a pretensão de ser o fiel da balança, fazendo-a pender para o lado que lhe acene com melhores proveitos.

A demora em reagir e a reação desordenada são sinais de desatenção política. Em horas difíceis é que se testam os líderes e se comprova a fidelidade dos aliados. Não era momento para soluções carismáticas, mas para consultas e entendimentos que fortalecem o regime e repõem o governo na sua ação natural.

A crise mostra que Fernando Henrique errou ao avocar para si a coordenação política do governo. A primeira crise mais pesada que ocorreu acabou respingando em todo o círculo palaciano, inclusive nele.

Entre os ensinamentos que a crise oferece está o reconhecimento de que o presidente sozinho não poderá saltar todos os obstáculos do mandato, mas que também sem ele não se vencerá a crise. Governar nunca é fácil. E governar o Brasil, muito menos. Portanto, é hora de sair da perplexidade e passar, outra vez, a um novo ciclo no governo que veio das urnas com a responsabilidade de fazer as reformas que o presidente vocalizou na campanha e pelas quais a nação esperou demais.

A face presidencial não será mais tão risonha como se apresentava. Sabe-se como a crise começou mas não se sabe quando terminará. A opinião pública nacional quer que o presidente retome a iniciativa, compatibilize a administração com a sua biografia e prossiga nas reformas que são a sua senha histórica. Só elas poderão garantir a estabilidade política e consolidar a democracia.